



A Herdade Vale da Rosa é um dos projetos empresariais de maior êxito no panorama agrícola nacional, sendo um exemplo de inovação e de uma cada vez mais forte dinâmica exportadora.

Líderes nas uvas de mesa

É no concelho de Ferreira do Alentejo que encontramos os terrenos daquele que é o maior produtor nacional de uvas de mesa. Em diálogo com António Silvestre Ferreira, conhecemos as origens da Vale da Rosa, empresa cuja história já atravessou mais de meio século.

Tudo começou com a iniciativa do pai do nosso entrevistado, António Francisco Silvestre Ferreira, empresário agrícola proveniente da região do Oeste, que encontrara grandes oportunidades no Alentejo. Estando até então mais ligado ao vinho e aos cereais, começou, em 1965, a plantar aquela que seria a grande vinha de uvas de mesa em Portugal. Rapidamente veio a afirmação comercial deste projeto e, conforme nos conta, foi o próprio António Silvestre Ferreira que teve “o privilégio de ir a Inglaterra levar a primeira caixa de uvas ao nosso cliente mais antigo, que é o Marks & Spencer”.

Poucos anos mais tarde, porém, esta foi uma das muitas propriedades agrícolas do sul do país que foram ocupadas no período da Reforma Agrária. A família de António Silvestre Ferreira estabeleceu-se no Brasil, onde o atual líder da Vale da Rosa se manteve durante mais de 20 anos. A dedicação às uvas continuou, conciliando-se com a Medicina Veterinária (a sua área de formação) e a lecionação na Universidade Estadual de Maringá, a sua cidade adotiva.

António Silvestre Ferreira foi inovador no próprio con-

texto brasileiro, tendo iniciado a produção de uvas sem grainha numa época em que tal não existia neste país. “Na altura, as nossas eram as únicas uvas sem grainha que se encontravam no mercado de São Paulo”, recorda.

Paralelamente à vida que foi construindo do outro lado do Atlântico, os desenvolvimentos em Portugal acabaram por ser favoráveis à família e os terrenos foram recuperados. Em 2000, regressa para dar continuidade ao projeto do pai e é a partir daí que a Vale da Rosa começa a adquirir a forma que tem hoje.

Atualmente, e como referido, é o principal player nacional no mercado das uvas de mesa, uma posição que conquistou através da aposta no know-how técnico e científico, com o qual retira o máximo potencial das condições naturais de excelência que o Alentejo oferece a esta cultura.

As suas vinhas preenchem um total de 250 hectares (face aos 100 que detinha no ano 2000), dos quais resulta uma produção na ordem das 5500 toneladas e uma faturação anual de 11 milhões de euros, numa proporção até aqui equivalente entre as variedades com e sem grainha. As vendas para mercados internacionais representam 30% do seu volume de negócios, destacando-se destinos como Inglaterra, França, Alemanha, Suíça, Holanda e, fora da Europa, países como Angola e China.

Se tudo isto já indica que a Vale da Rosa é um caso

de sucesso, aquilo que António Silvestre Ferreira nos adianta reforça ainda mais essa noção. “Nos próximos cinco anos, iremos duplicar a área de vinha. Estamos a preparar a plantação de mais 250 hectares e toda esta área será destinada às uvas sem grainha. Estimamos que isto vai trazer condições para chegarmos às 15 mil toneladas e aos 30 milhões de euros de faturação”, explica. Nos horizontes da empresa está também o objetivo de aproveitar o potencial turístico da propriedade, mediante o acolhimento de visitas organizadas.

A relevância económica de uma entidade como esta vem, naturalmente, acompanhada de um sentimento de responsabilidade para com a região. Afinal de contas, a Vale da Rosa é o maior empregador do concelho, contando com uma estrutura permanente de 150 elementos e, em alturas de pico, com o trabalho de quase mil pessoas. António Silvestre Ferreira, que em 2010 foi reconhecido com o título de Comendador, partilha o desejo de que a sua empresa possa “contribuir para que Ferreira do Alentejo seja melhor, para que a região do Alqueva seja melhor e para que Portugal seja melhor”.

Considera que o Alentejo precisa de gente e que, para isso, é “preciso uma agricultura que precise de gente”. Acrescentando, reclama a necessidade de que seja feito um “plano estratégico para o desenvolvimento dos 120 mil hectares do Alqueva, que direcione a agricultura da região para culturas que criem mais postos de trabalho”.

